

Bestseller do New York Times e do USA Today



GRADY HENDRIX



Bruxaria *para* Raparigas Desobedientes

Vencedor dos
Goodreads
Choice Awards

Amanda,
Olhas para a vida
Com os olhos de uma criança,
E não sei onde os encontre
E está a deixar-me muito desconfortável.
Pára, por favor.

«A mãe solteira média é uma jovem idiota que, em criança, teve uma formação doméstica inadequada, devido à ignorância, pobreza e alcoolismo dos seus pais.»

MENTAL HYGIENE MAGAZINE, 1927

«Não podes reclamar verdadeiramente a propriedade da tua alma depois de teres um filho sem uma certidão de casamento.»

LADIES' HOME JOURNAL, 1947

«Quando renuncia ao seu filho para bem deste, a mãe solteira aprendeu muito. Aprendeu um valor humano importante. Aprendeu a pagar o preço pela sua transgressão.»

THE TELEGRAM, 1956

«Por trás das estatísticas nacionais que atestam a proliferação de adolescentes a dar à luz, uma pergunta desconcertante permanece sem resposta: Porque se permitem as adolescentes engravidar?»

EBONY, 1980

«Não se deve ter um bebé quando não se é casado. Têm simplesmente de parar com isso.»

PRESIDENTE BILL CLINTON, 1994

«As raparigas com carências que imaginam que ter um bebé preencherá o vazio das suas vidas costumam ter um grande choque.»

TIME, 2005

Senta-te. Ouve. Preciso que compreendas o que nos fizeram quando éramos novas. Essa é a coisa importante que tens de recordar. Éramos raparigas associas, raparigas destravadas, raparigas levianas, raparigas emocionalmente imaturas, raparigas que cresceram depressa de mais. A Rose nem sequer tinha 18 anos, a Holly tinha acabado de fazer 14, eu tinha 15. Não importa o que nos quisessem chamar. Éramos crianças.

Ainda sinto que vou ter problemas se disser os nomes verdadeiros delas. Guardei este segredo durante tanto tempo que não sei como o dizer. Mas alguém precisa de saber o que nos aconteceu lá.

A questão é que nos ensinaram que o diabo era a pior coisa no mundo, mas éramos demasiado jovens para compreender que havia coisas muito piores do que o diabo. Éramos demasiado jovens para compreender que a função deles era convencer-nos de que a coisa mais natural no mundo era má e que a pior coisa no mundo era natural.

Éramos raparigas. Era isso o que nos chamavam nos seus artigos, nos seus discursos e nos seus ficheiros: raparigas más, raparigas neuróticas, raparigas carentes, raparigas desobedientes, raparigas egoístas, raparigas com complexos de Electra, raparigas que tentavam preencher um vazio, raparigas que precisavam de atenção, raparigas com passados, raparigas vindas de lares destruídos, raparigas que precisavam de disciplina, raparigas desesperadas para encaixar, raparigas em perigo, raparigas que não conseguiam dizer não.

Mas, para raparigas como nós, lá no Lar, o diabo acabou por se revelar o nosso único amigo.

MAIO 1970

26 SEMANAS

CAPÍTULO 1

Não acreditava que as coisas pudessem piorar, mas depois viu a placa.

«Bem-vindo à Florida», dizia. «O Estado Ensolarado.»

Sabia que não devia perguntar. Sabia que estava numa poça de gasolina e que cada palavra era um fósforo aceso a sair dos seus lábios. Sabia que o pai a odiava. Mas aquela placa fazia a sua garganta fechar-se tanto que não conseguia respirar e a sua barriga inchada pressionava os pulmões com tanta força que não conseguia inspirar ar suficiente e sufocaria se não dissesse alguma coisa.

— Pai — disse ela. — Porque estamos na Florida?

As mãos dele apertaram-se sobre o volante até este ranger, mas manteve os olhos na estrada.

— Huntsville fica na outra direção — disse ela, tentando manter-se calma.

Viajavam há horas e, durante todo esse tempo, o pai não tinha olhado para ela uma única vez. Tinha aparecido em casa da tia Peggy nessa manhã, tão zangado que as suas mãos tremiam quando lhe pegou na roupa, a enfiou na mala e a fechou com força. Uma das alças do sutiã ficou de fora, mas achou que não seria inteligente dizer nada sobre isso.

Não é muito inteligente que uma rapariga seja inteligente, dizia sempre a sua mãe.

Por isso, tentou tornar-se muito, muito pequena. Durante horas e horas, tentou tornar-se tão incrivelmente pequena. Mas não conheciam ninguém na Florida. Não tinham familiares na Florida. Aquilo era rapto a não ser que ele lhe dissesse para onde iam. Tinha de lhe dizer para onde iam. Por isso, ela recorreu à única coisa que sabia que chegaria até ele.

— Vi o *trailer* da sequência do *Planeta dos Macacos* — disse ela, porque ele adorava ficção científica. — É sobre guerra nuclear. Aposto que não fizeram bem os foguetões.

— Raios partam, Neva! — explodiu ele. — Percebes o que fizeste? Deste cabo da saúde da tua mãe, só Deus sabe o que fizeste ao teu irmão e à tua irmã, e agora arruinaste o bom nome da tua tia Peggy. Já nem sequer te conheço. Era melhor que nunca tivesses nascido!

— Para onde é que me estás a levar? — gritou ela, aterrorizada.

— Levo-te para onde eu bem entender! — berrou ele em resposta.

— O que é que se passa, pai? — perguntou ela, sem conseguir evitar, assustada como estava. — Porque é que estamos na Florida?

Ele acomodou-se no banco, ajustou as mãos no volante e falou para o pára-brisas como se este precisasse mesmo de perceber que aquilo era para o seu próprio bem.

— Encontrámos um sítio onde podes ficar — explicou ele ao pára-brisas. — Com outras raparigas com a mesma condição. Quando estiveres melhor, vou buscar-te e podemos esquecer isto tudo.

O horror da situação atingiu-a violentamente.

— Vais pôr-me num Lar? — perguntou ela.

Pelo seu cérebro não paravam de correr manchetes de revistas confessionais: DEBUTANTE DESGRAÇADA DEIXADA A APODRECER EM CASA DA VERGONHA! AS RAPARIGAS BOAS DIZEM NÃO — AS RAPARIGAS MÁS VÃO PARA AQUI! OFERECERAM A SUA CARNE E O SEU SANGUE! Durante os ensaios de *O Mundo é um Manicómio*, Margaret Roach tinha-lhes falado dos Lares. Eram geridos por freiras que batiam nas raparigas, obrigavam-nas a trabalhar em lavandarias industriais e vendiam os seus bebés, e Margaret Roach era católica. Por isso, devia saber do que falava. Os Lares eram para raparigas pobres, raparigas rascas, raparigas levianas. Eram para as pegas.

— Papá, não podes fazer isto — implorou ela, pois ele tinha de perceber, tinha de fazer inversão de marcha, tinha de haver outra forma. — Por favor, por favor, por favor, leva-me para casa ou para casa da avó Craven ou fala com a tia Peggy outra vez. Prometo que fico no quarto e que não faço barulho e que aspiro e lavo a louça e faço tudo o que ela disser, mas não me podes levar para um Lar. Não são para pessoas como nós. São para católicos!

Ele virou-se para ela por um instante e, nesse momento, ela viu o quanto ele a odiava.

— Estragaste tudo — disse ele num tom frio e seco. A simples constatação de um facto.

Tinha razão. Ela tinha estragado tudo. A mãe dela sempre lhe tinha dito que ia dar cabo das notas por passar demasiado tempo no teatro, que ia dar cabo da vista por ler às escuras, que ia dar cabo da reputação por andar de carro com rapazes, que ia dar cabo da silhueta por comer duas sobremesas e, ainda assim, ela voltava sempre a fazê-lo, e nunca acontecia nada de mal, mas tinha finalmente acontecido. Tinha finalmente feito uma coisa tão má que nada voltaria a ser como dantes. Tinha finalmente dado cabo da sua vida.

Ia para um Lar.

Não era uma daquelas flores de estufa que choravam sempre que ouviam um barulho mais alto, mas não conseguia evitá-lo, o seu corpo como que tinha vontade própria por aqueles dias, pelo que encostou a cabeça à janela quente e chorou... com um soluçar ruidoso, feio e violento.

O pai ligou o rádio.

«Irmão, não estás preparado para o Inferno. Pensavas que a vida era uma grande orgia de pecado e que não haveria preço a pagar, e agora ardes nas profundezas e descobres como estavas errado. Olhas para cima e pedes ajuda, mas que tipo de ajuda pode haver no Inferno...»

A Florida era o Inferno. No Alabama, havia colinas e árvores e lagos, mas a Florida era uma planície interminável sem escapatória do sol. O sol queimava a autoestrada, queimava o tejadilho da carrinha, fazia o suor escorrer pela sua barriga saliente, infiltrando-se nas cintas de borracha e acumulando-se por baixo do rabo.

O pai mexeu no botão do rádio e uma voz reconfortante vinda de um estádio de baseball interrompeu a estática:

«... avança e aqui está o lançamento. Uma *fastball* pelo canto exterior e é *ball*. Ty concede um *walk*. É o seu primeiro *walk* e...»

Parou de chorar algures em Tallahassee. Pouco depois, o pai estacionou num *Burger King* e deixou-a no carro. Ficar sentada durante tanto tempo tinha-lhe inchado os pés e provocado dores nos rins, mas não conseguia forçar-se a sair e andar. Sempre que paravam numa área de serviço, as pessoas olhavam para a sua barriga saliente e começavam por sorrir, mas depois notavam o anelar vazio na sua mão esquerda e afastavam os olhos ou abanavam a cabeça ou fitavam-na sobre o ombro, como se ela fosse um animal do jardim zoológico.

Não era isso que toda a gente tinha dito sobre a Donna Havermeyer no ano anterior? Tinha apenas engordado muito e faltado à formatura

e, de repente, todas as raparigas diziam que engravidara de um oficial do Arsenal do exército, e depois a Racee Tucker disse que era de esperar, que a família dela não passava de um bando de parolos do Arkansas e também ela se tinha rido e agora ali estava ela. Apostava que era isso que todas aquelas pessoas nas áreas de serviço pensavam: *Olha para aquela parola do Alabama.*

O pai voltou a entrar no carro e passou-lhe um único *cheeseburger* espalmado do saco. Tirou um *Whopper* para ele. Ela costumava comer um único *cheeseburger* quando iam ao Sno Wite's porque era atriz e preocupava-se com a silhueta, mas já não tinha silhueta. Naquele momento, usava os sapatos velhos da mãe porque eram os únicos que lhe serviam nos pés inchados, e o velho vestido xadrez da mãe, e tinha dois queixos e estavam os dois cobertos de borbulhas, e o seu peito tinha rebentado um botão do vestido no dia anterior. Tentou fazer o *cheeseburger* durar um tempo digno de uma senhora, mas desapareceu em três dentadas.

Passaram horas nas estradas da Florida e estas continuavam a estender-se à sua frente. Passaram por um cartaz pintado de amarelo da Jacarelândia (VEJA TODO O TIPO DE ANIMAIS), depois um da Fonte da Juventude (LINDAS SENHORAS DAR-LHE-ÃO A BEBER DESTA ÁGUA FAMOSA!), depois mais jacarés (VEJA: MONTES DE JACARÉS!). Por cima deles, abutres voavam em círculos num céu azul impiedoso.

Uma cortina de estática engoliu o jogo de basebol, depois um avô alegre disse:

«... manifestações em vários *campus* universitários do país, a maioria dos protestos relacionados com o envolvimento dos EUA no Camboja...»

O rádio mastigou estática e, depois:

«... uma em onze presenças na *plate*, a sua média de tacadas é ponto um nove zero um. Aqui está o lançamento *shoe strike* pelo canto exterior, é uma *fastball* e temos...»

Tinha tentado de tudo para resolver aquilo. Procurou um frasco de *Humphreys' 11*¹, mas não o encontrou em lado nenhum. Comprou uma

¹ Produto homeopático para a regulação do ciclo menstrual. Ainda que a sua eficácia não esteja comprovada, é comumente utilizado enquanto indutor abortivo. (*N. do T.*)

garrafa de óleo de rícino e bebeu-a, mas só lhe deu diarreia. Saltou da bancada de trabalho do pai, na cave, uma e outra vez, até as pernas fraquejarem, ergueu o dicionário acima da cabeça até os braços ficarem com câibras. Chegou mesmo a beber terebintina, mas mal conseguiu engolir uma tampa antes de vomitar. Fechava os olhos quando atravessava a rua e rezava para ser atropelada, até perceber que provavelmente fariam uma autópsia e toda a gente ficaria a saber.

Fizesse o que fizesse, a sua barriga continuava a crescer como se quisesse que toda a gente visse como ela era estúpida. Todos encontravam formas de a fazer sentir-se estúpida. Naquela segunda noite em casa da tia Peggy, depois do jantar, disseram-lhe que podia perguntar o que quisesse e ela perguntou como disfarçavam a cicatriz por onde tiravam o bebé e o tio Albert tinha-se desmanchado a rir e disse que saía por onde tinha entrado.

— Mas — disse Neva, porque tinha de ser mais científico do que aquilo —, não cabe!

Depois, a sua tia Peggy disse «chega dessa conversa» e dispensou-a da mesa.

Ninguém lhe dizia o que fosse. Tinham passado filmes na escola sobre maturidade emocional, segurança contra incêndios e como conviver com os outros, mas nunca lhes tinham mostrado um filme sobre ter um bebé.

Outra explosão de estática atingiu-a em cheio na bexiga, e ela percebeu que precisava de ir à casa de banho outra vez. Não, não, não, não, não. Não podia pedir ao pai para encostar naquele momento, não quando ele finalmente tinha parado de lhe gritar. Contraindo-se com todas as forças que tinha.

«... Elementos da guarda avançaram depois de os estudantes terem partido as janelas e ateado fogo no *campus* e nas imediações...»

No Norte, havia soldados a dispararem contra estudantes e os miúdos destruíam as suas escolas. Os Weathermen faziam explodir edifícios em Nova Iorque e o pai dela pensava que ia perder o emprego, porque o Apollo 13 tinha explodido no espaço. Na Califórnia, havia malucos a assassinar pessoas nas suas casas e a alvejá-las nos seus carros. As coisas estavam descontroladas. Até o seu corpo se revoltava.

«... Atenção, Tonto! É o *Lawn Ranger*!² O *Lawn Ranger* está aqui para vos salvar de relvados amarelos, arbustos murchos e canteiros de flores mortas...»

O som do sistema de rega automática do *Lawn Ranger* pulverizava as colunas. A sua bexiga latejava.

— Pai? — arriscou ela.

Ele ignorou-a. Uma onda de estática.

«... ergues os olhos e imploras por água, apenas uma gota, apenas um fio nos teus lábios ressequidos, e sabes que, no Céu, há uma fonte...»

Ela tinha-o levado à fonte no Dia de São Valentim.

Tinha ido com o Guy à drogaria para comprar uma barra de chocolate. Ele precisava sempre de açúcar quando estudava e, pelo caminho, ela insistiu que atravessassem o parque e obrigou-o a sentar-se perto da fonte.

«Que mariquices são essas?», disse enquanto sorria.

A seguir, beijou-a. O peito dela tinha crescido e ela sabia que ele gostava disso, por isso encostou-se a ele e ficaram a curtir durante um minuto. A seguir, ele disse:

«O meu pai deixa-me usar o carro esta noite.»

Devia ter sido perfeito. Era a primeira vez que ela tinha namorado no Dia de São Valentim, mesmo que ele não lhe desse a mão na escola, mesmo que não lhe desse o seu monograma da universidade³ ou se sentasse com ela ao almoço, mas sabia que isso era porque ele tinha 17 anos e ela tinha 15, e ele não queria que gzassem com ele.

No ano anterior, tinha sido perfeito e, quando o mundo ficou assustador no fim do verão, Guy disse-lhe que a protegeria sempre. Sempre. Viu-o jogar futebol e foram ver o 2001 no drive-in, onde passaram o filme quase todo a curtir um com o outro e, no Splashdown Whoop Court na Courthouse Square, ele pegou-lhe na mão e sentiu que uma bolha chamada Sempre os protegia, por isso, contou-lhe, ali mesmo, ao lado da fonte.

² Trocadilho com Lone Ranger (em Portugal, O Mascarilha), personagem originalmente criada em 1933 para um programa de rádio com o mesmo nome, mas cujo sucesso deu origem a bandas desenhadas, livros, brinquedos e filmes. O seu fiel companheiro era um ameríndio de nome Tonto. (N. do T.)

³ *Varsity letter*: condecoração universitária sob a forma de um monograma que pode ser cosido ao casaco da universidade, como símbolo de excelência (muitas vezes associada ao desporto e entrada numa equipa universitária). (N. do T.)

Tinha a certeza de que ele começaria por ficar assustado, mas também tinha a certeza de que, quando ultrapassasse a surpresa, lhe apertaria a mão e diria: Que vamos fazer, Nev? Ou talvez: Achas que somos novos de mais para casarmos? Ou talvez lhe pusesse o braço sobre os ombros e lhe dissesse que resolveriam as coisas juntos. Em vez disso, afastou-se dela e ficaram a olhar para a fonte.

O pai olhava para a estrada. A carrinha deu um salto ao passar por cima de um animal atropelado, e Neva sentiu um relâmpago na bexiga. O som de uma queda de água encheu o carro:

«... férias tropicais no Havai, ouça as cascatas, veja o pôr do sol sobre as ondas, mergulhe numa das nossas três piscinas...»

Por fim, Guy virou-se para ela e tinha os olhos cheios de lágrimas e disse: «Como pudeste fazer-me uma coisa destas?»

A seguir, levantou-se e foi-se embora.

Depois disso, andava sempre assustada, com medo de que Guy contasse aos pais, com medo de que os pais dela descobrissem, com medo de que Hilda o deduzisse, com medo de que Deb tivesse *percebido* e que fosse por isso que tinha deixado de falar com ela.

O seu coração deixou de bater normalmente, limitando-se a palpitar dentro do peito. Não conseguia comer, mas o seu corpo traía-a e, a meio da noite, dava por si diante do frigorífico a pegar em restos de rolo de carne com as mãos e a retirar a cobertura de algum bolo com os dedos. Começou a vomitar todas as manhãs antes de ir para a escola, abraçada à sanita, numa desgraça absoluta, com uma toalha enrolada a tapar-lhe a cabeça para que ninguém ouvisse.

A sua barriga continuava a crescer, mesmo quando usava duas cintas. Continuava a alargar o cós da sua saia xadrez até deixar de ser possível e ter de passar a usar alfinetes de segurança. Quando estes deixaram de funcionar, encontrou um grande alfinete de *kilt*. No Natal, tinha recebido um poncho vermelho axadrezado e usava-o sempre. Quando as pessoas lhe chamavam a atenção para o facto de estarem vinte e um graus, dizia-lhes que estava a tentar emagrecer. A sua cara ficou peluda como a do Michael Landon em *I Was a Teenage Werewolf* e desistiu da peça de teatro da escola porque como poderia subir ao palco assim? Começou a baldar-se, a sair às escondidas e a comprar um bilhete para a matiné, onde via o mesmo filme vezes sem

conta, fugindo para a casa de banho sempre que o gerente passava pelo corredor com a sua lanterna.

Claro que descobriram. Teve de ir à escola para a sua apresentação de Biologia («Os Fósseis do Alabama») e, quando desmaiou na casa de banho das senhoras, Hilda levou-a para a enfermaria, onde a enfermeira a examinou e depois mandou Hilda embora, trancou a porta e disse:

— Ou contas aos teus pais ou conto eu.

Naquela noite, o pai dela jantou em casa, para variar. Esperou que Chip e Midge estivessem a ver televisão, sentou os pais à mesa da cozinha e contou-lhes calmamente o que tinha acontecido e que não achava que isso significasse que alguma coisa tinha de mudar. Podiam dizer na escola que ela tinha mononucleose. Podia estudar em casa. Não sairia à rua. Quando tivesse o bebé, podia ir diretamente para o orfanato.

Mandaram Chip e Midge para casa da avó Craven nessa noite, como se não quisessem que ela os contaminasse. Claro que telefonaram aos pais de Guy. Claro que todos tiveram uma reunião para decidir o que fazer. Claro que ela não foi autorizada a estar presente.

Sentiu-se a perder o controlo sobre a bexiga. Tornava-se uma questão de vida ou de morte.

— Pai? — perguntou ela e a sua voz soou demasiado alta no carro. — Podemos parar um minuto? Numa bomba de gasolina ou coisa parecida?

Ele olhava fixamente em frente e ela estava demasiado assustada para repetir.

«... o que quer que vá para o Inferno, fica no Inferno. É permanente. Acabou. A sentença foi proferida. E deixe-me dizer-lhe uma coisa, Irmão, não há perdão no Inferno, não há segundas oportunidades...»

Tinham-na mandado para casa da tia Peggy, em Montgomery. A princípio, tudo correu bem. Tinha de se esconder no quarto das traseiras sem fazer barulho quando aparecia alguém, não podia ligar para casa e a única coisa para ler eram as revistas do tio Arthur, mas aguentava. Depois, pareceu-lhe que os dias ficavam mais longos e não tinha trazido livros porque lhe tinha parecido frívolo pôr livros na mala e sentou-se naquele quarto, no seu sofá-cama cheio de altos, a olhar para a parede, a começar a enlouquecer.

A tia Peggy não a deixava sair de casa, nem sequer para ir à biblioteca, por isso tinha saído às escondidas para trazer alguns livros de bolso da mercearia. Não tinha dinheiro, mas tinha muito espaço por baixo do poncho. Como podia ela saber que a tia Peggy iria revistar o seu quarto enquanto ela tomava banho? A mãe dela sempre lhe tinha dito que tinha o diabo no corpo e sabia que tinha de controlar melhor os seus impulsos, mas a tia Peggy podia simplesmente ter-lhe emprestado o dinheiro para pagar aqueles livros. Não precisava de ter ligado ao seu pai.

Não conseguia evitar. O seu corpo traiu-a.

— Papá — disse ela, e a palavra saiu-lhe num choramingo infantil, que detestou. — Tenho mesmo de ir à casa de banho ou vou ter um acidente.

Não aconteceu nada e ele acelerou. Mais à frente havia uma estação de serviço com uma banca de lembranças no exterior, e ele parou no parque de estacionamento e desligou o motor. Imediatamente, o interior do carro começou a ferver. Lá fora, famílias em férias, com calções axadrezados e camisas havaianas, andavam de um lado para o outro, da bomba de gasolina para a banca de lembranças e para os carros.

Pôs a mão no puxador da porta e ele agarrou-lhe no braço.

— Toma.

Olhou rapidamente para garantir que ninguém estava a ver, depois enfiou o dedo anelar todo na boca, humedeceu-o com cuspido e deslizou a aliança de casamento pelos nós dos dedos. Entregou-lha, quente e molhada, e ela enfiou-a no anelar antes de abrir a porta e sair do carro.

Caminhou até à bomba de gasolina com as pernas inchadas, com o sol da Florida a torrar-lhe a cabeça e o asfalto quente a fritar-lhe as plantas dos pés. Uma mulher de óculos escuros sorriu para a sua barriga de grávida. Ergueu a mão esquerda perto da barriga para que todos pudessem ver a aliança no seu dedo, mas tinha 15 anos e estava grávida de seis meses e não tinha quaisquer dúvidas acerca do que eles realmente pensavam. O pai dela tinha-o dito de forma muito clara.

Seria melhor se tivesse morrido.

CAPÍTULO 2

Saíram finalmente da autoestrada e entraram numa rua estreita que passava entre pinheiros. À medida que as casas se tornavam mais escassas e distantes, o seu coração encolheu. Passaram por uma caravana com demasiadas crianças de fraldas no quintal da frente e, a seguir, os pinheiros tornavam-se mais densos, a estrada ficou mais escura e o seu pai abrandou até chegar a uma caixa de correio com o número 462, ligando o pisca e virando para um túnel sombrio formado por árvores.

Avançaram devagar pela estrada, ouvindo pinhas a estourar por baixo dos pneus, até saírem e darem de caras com a coisa sobre a qual tinha lido, a coisa sobre a qual tivera pesadelos, a coisa sobre a qual Margaret Roach a tinha avisado, a coisa sobre a qual tinha ouvido as amigas da mãe sussurrarem: o Lar das Mães Solteiras.

Precisava de pintura.

Três andares de tábuas compridas e deprimentes, com quatro grandes colunas à *E Tudo o Vento Levou*, espaçadas ao longo do sombrio alpendre dianteiro, suportando o seu telhado deprimente. Outrora, poderia ter integrado uma visita guiada a casas históricas locais, mas agora parecia a cara da Bette Davis em *Que Teria Acontecido a Baby Jane?* Não conseguia imaginar-se a viver naquele destroço lascado durante os próximos três meses.

O pai saiu do carro, batendo com a porta. Os dedos de Neva cravaram-se no vinil. Se se recusasse a sair, o pai teria de desistir e de a levar para casa. Não a podia deixar sozinha naquele sítio, rodeada de parolas que não tinham conseguido fugir aos primos, e de *hippies* que provavelmente nem se lembravam do nome do pai do seu bebé. Todas elas teriam doenças venéreas e fumavam erva e iriam rir-se dela por ser quadradona.

O porta-bagagens da carrinha abriu-se com estrondo e o pai agarrou na mala.

— Sai do carro — disse ele. — Agora.

Não queria que lhe gritasse outra vez, por isso abriu a porta pesada e arrastou-se para uma tempestade de cigarras aos berros. O ar húmido inundou-lhe os pulmões e sugou-lhe a força do corpo. As suas fossas nasais transformaram-se numa cascata e limpou o nariz com as costas da mão. Os rins doíam-lhe, as ancas doíam-lhe e as pernas pareciam demasiado fracas para a impelirem até ao alpendre.

O porta-bagagens bateu e, um segundo depois, o pai passou com a sua mala vermelha axadrezada numa mão, da qual saltava uma alça do sutiã por um lado, abanando-se a cada passo, como se estivesse muito feliz por ali estar. Viu-o subir os degraus de tijolo até ao alpendre e seguiu-o, tropeçando em raízes de árvores e formigueiros, porque não sabia mais o que fazer.

As portas duplas da frente estavam escancaradas por trás de um par de portas de rede fechadas. Por trás da rede suja, viu um corredor comprido e escuro que se abria para o interior da casa. O pai procurou a campainha, depois desistiu e bateu no batente de madeira. O som perdeu-se no interior do velho casarão. Voltou a tentar.

— O mordomo foi recrutado — disse uma voz por cima das suas cabeças.

Olharam para cima e viram uma cascata de cabelo, tão louro que era quase branco, pendurado sobre o corrimão de ferro forjado de uma pequena varanda de Julieta mesmo por cima deles.

— Perdão? — disse o pai dela.

— O mordomo — disse a rapariga. — Está ocupado a levar um tiro na peida no Vietname, por isso têm de ser vocês a abrir a porta.

O pai de Neva não aprovava que as mulheres usassem palavras vulgares, pelo que o seu maxilar ficou tenso por um momento, antes de lambe os lábios e continuar.

— Viemos ver a Menina Wellwood — disse ele.

— Nunca ouvi falar — disse a loura.

— Ouça — começou o pai dela, mas a cabeça da loura desapareceu sobre o corrimão, ouvindo depois o estalo da porta de rede no andar de cima.

Neva foi atravessada por uma onda de esperança. Tinham vindo ao sítio errado! Tinham a morada errada! Então *tinham* de ir para casa.

O pai pegou na mala, puxou a porta de rede e levou-a para dentro. Neva seguiu-o, pois sabia que voltariam a sair dali a um minuto.

A casa parecia distante e silenciosa, como uma biblioteca. O som abafado de uma mulher a falar saía pelas portas duplas fechadas à sua esquerda. A porta aberta à direita dava para uma sala escura, com as suas pesadas cortinas puxadas para bloquear o sol, fazendo o mobiliário antiquado encolher-se nas sombras. A meio do corredor, um gigantesco lustre de latão pendia como uma aranha e, por baixo, uma grande ventoinha industrial de pé girava a cabeça de um lado para o outro, deslocando o ar quente.

O corredor terminava numa distante porta de vidro fosco com letras manuscritas aplicadas que diziam «Escritório». Atraído por um sinal de autoridade que fosse, o pai pisou a passadeira vermelha desbotada, fazendo ranger as tábuas do chão. Neva seguiu-o porque queria ver como ele reagiria quando lhe dissessem que não havia ali nenhum Lar e que, não, senhor, nunca tinham ouvido falar de uma coisa assim por aquelas bandas.

O corredor estava coberto com quadros em complicadas molduras douradas: cenas de caça cheias de patos e cães, retratos de homens importantes de que ninguém se lembrava, uma gravura esbatida de um rio. Estavam todos tão limpos. Cada curva sinuosa de cada moldura dourada, cada centímetro de tapete, tinha sido tudo esfregado até ficar imaculado.

Chegaram à porta do escritório e o pai dela bateu. Mal tinha acabado quando alguém atrás deles disse:

— Tem um cigarro?

Viraram-se e Neva reconheceu a rapariga da varanda e não conseguiu evitar: ficou a olhar para ela fixamente. Era a primeira rapariga grávida da sua idade que via fora de um espelho. Era um par de anos mais velha, mas ainda não tinha acabado o secundário, vestia uma blusa branca e uma saia dourada até ao chão e o seu cabelo louro e volumoso pendia-lhe até à cintura.

A gravidez tinha transformado Neva numa batata inchada e cheia de altos e baixos, com o nariz a pingar e borbulhas, mas aquela rapariga mantinha a barriga bem erguida e amparada à sua frente. Os seus braços pareciam compridos e fortes, os ombros eram largos, tinha

sobrancelhas grossas, um queixo delicado e a pele limpa. Tinha um ar poderoso. A sua mão esquerda estava estendida para um cigarro. Não tinha aliança.

— Não? — Moveu a mão. — E tu, irmã? Tens cigarros?

Antes que pudessem responder, a porta do escritório abriu-se para revelar uma mulher madura vestida inteiramente de lavanda. O seu denso cabelo azul estava penteado num *bouffant*⁴ volumoso. Era muito parecida com o Presidente Nixon, se ele alguma vez se vestisse de mulher. Vindo da porta aberta, jorrava uma corrente de ar frio.

— Posso ajudá-lo? — perguntou a Sra. Richard Nixon.

— Acho que eles não falam inglês — disse a deusa loura.

— Vai para a aula, Rose — disse a Sra. Nixon.

— Estou a ler os seus fascinantes avisos, Ethel — respondeu Rose, começando a estudar uma folha datilografada presa num placar.

— Telefonei na sexta-feira — desculpou-se o pai. — Para dizer que vínhamos? Do Alabama? Com a minha filha?

Aquilo fez a expressão da Sra. Nixon azedar.

— Estávamos à vossa espera mais cedo.

— Receio que a viagem não tinha sido a melhor — disse o pai dela. — Houve muitas paragens pelo caminho.

A Sra. Nixon voltou o seu olhar duro para Neva. Viu tudo: as idas intermináveis à casa de banho, as borbulhas, o corpo a perder o controlo, o bebé a ficar maior a cada dia que passava. Viu Guy em cima dela, no banco de trás do carro do pai, com as mãos a puxar-lhe o fecho da saia de bombazina, o suor a escorrer-lhe na cara, a debater-se com o colchete do sutiã. Viu como tinha sido estúpida, como tinha ignorado todos os sinais de que Guy só a queria para uma coisa, quão desesperada estivera para que alguém gostasse dela.

A Sra. Richard Nixon voltou-se para o pai e arreganhou os lábios num sorriso, revelando batom roxo acumulado sobre um incisivo.

— Compreendo — disse ela. — Podem ser bastante inconvenientes, é verdade. Entre.

⁴ Penteado muito popular na década de 1960, caracterizado pelo seu volume e estrutura no topo da cabeça. (*N. do T.*)

Recuou para o escritório, o pai seguiu-a e, sem mais nem menos, toda a esperança abandonou o corpo de Neva. Afinal, tinham vindo ao sítio certo. Aquele era o Lar para Mães Solteiras e havia uma cama à espera dela.

Dentro do escritório, sobre um tapete escarlata chocante, assentava uma secretária de metal cinzento carregada com equipamento de escritório de metal cinzento. Um aparelho de ar condicionado de janela roncava, arrefecendo o ar.

— Menina Wellwood? — chamou a Sra. Richard Nixon por uma porta aberta. — Chegou a nova rapariga.

Uma senhora alta e grisalha emergiu de um gabinete interior com uma pasta de papel pardo na mão esquerda e a mão direita já estendida.

— Obrigada, Sra. Deckle — disse ela, apertando a mão ao pai de Neva de uma forma eficiente e profissional, como uma máquina concebida para o efeito. — Sou a Menina Wellwood. Muito prazer em conhecê-los. Devem estar cansados depois da vossa viagem. Posso oferecer-lhe um café?

Parecia uma peça de equipamento de escritório, desde o seu cabelo grisalho e curto até aos olhos cinzentos e duros. O saia-casaco de poliéster era bege, usava uma única pérola em cada orelha e, à volta da garganta, um lenço castanho e amarelo.

— Não, obrigado — disse o pai.

A Menina Wellwood dispensou um sorriso a Neva. Até os seus dentes eram cinzentos.

— Bem-vinda ao meu Lar — disse ela. — Uma das raparigas vai mostrar-te a casa enquanto falo com o teu pai.

O seu pai era a única coisa familiar que lhe restava. Mesmo que a odiasse, a ideia de se separar dele provocava-lhe um aperto no peito.

— Gostaria de ficar — disse ela. — Por favor.

A Menina Wellwood chamou pela porta do escritório.

— Rose — disse ela à deusa loura que continuava a fingir que lia o placar de avisos. — Por favor, mostra as instalações à nossa recém-chegada.

— Estou em greve — disse Rose.

— Não era um pedido. — A Menina Wellwood sorriu e, num rodopio coreografado, puxou o pai de Neva para dentro do escritório e empurrou Neva para o corredor.

— Pai — chamou ela mais alto do que queria. Parecia um bebé, mas não se importava. Ele estacou à entrada do gabinete interior e virou a cabeça o mínimo possível. — Vais despedir-te? Antes de ires?

Ele acenou com a cabeça quando a Menina Wellwood se interpôs entre eles.

— Não seas tontinha — disse ela. — Terão muito tempo para se despedirem.

A porta do escritório fechou-se-lhe na cara, deixando Neva no corredor. Sentiu a deusa loura a medi-la com o olhar. Tinha de dizer alguma coisa para não parecer uma idiota. De que falavam as pessoas num lugar como aquele? Nomes. A mãe dela sempre lhe tinha dito que as pessoas gostavam de falar sobre si próprias.

— Rose é diminutivo de Rosemary? — perguntou.

— Como é que queres que eu saiba? — disse Rose. — Ninguém usa o nome verdadeiro aqui. Tens cigarros?

— Não fumo — desculpou-se.

— É melhor pedires dinheiro para cigarros ao teu pai antes que ele se pire — disse Rose. — Aqui, toda a gente fuma.

Alguma coisa bateu no corredor atrás delas e Neva estremeceu, encostando-se à parede e fazendo o placar de avisos abanar. Uma rapariga minúscula com uma enorme cabeleira loura que parecia palha passou a correr, abrindo caminho com a sua barriga enorme. Passou apressada pelas duas, dirigiu-se à porta da rua e virou para uma porta a meio do corredor, batendo-a atrás de si. Ouviu-se a fechadura no preciso momento em que uma enfermeira alta, de saia branca, surgiu a correr atrás dela, vinda da mesma direção.

— Que bicho mordeu à Daisy? — perguntou Rose à enfermeira quando esta passou.

A enfermeira ignorou Rose e bateu na porta fechada.

— Daisy, tens de abrir esta porta neste preciso momento.

— Ela ontem comprou um saco de batatas fritas grande na cidade — disse uma voz atrás delas.

Uma morena grávida encostou-se à parede. Usava óculos redondos com aros de tartaruga que a faziam parecer uma rata de biblioteca. A barriga dava ao seu vestido um aspeto de tenda.

— Era suposto não comer sal — explicou a rata de biblioteca. — Mas comeu o pacote todo e agora está tóxica.

Neva sabia que era rude, mas não conseguia parar de olhar para a barriga da rapariga. Parecia prestes a explodir.

— A minha data prevista é amanhã — disse a rata de biblioteca. — Finalmente. A gravidez é uma seca.

Ao fundo do corredor, a enfermeira voltou a bater à porta. Tinha alguma coisa na mão.

— Daisy — chamou. — Precisas de uma injeção de água antes que fiques mais doente do que já estás.

— Não estou doente! — gritou Daisy através da porta.

A coisa na mão da enfermeira era uma seringa.

— Não és tu que decides — disse a enfermeira, reparando depois no seu público. — Vocês não têm nada melhor para fazer?

— Não — disse Rose.

— Eu não — respondeu a rata de biblioteca.

— Daisy — suspirou a enfermeira, voltando-se para a porta. — Não me obrigues a contar até três.

— Ei — disse a rata de biblioteca a Rose. — É uma rapariga nova?

— Achas que sei? — disse Rose. — Estou em greve.

Neva estendeu a mão.

— Prazer em conhecer-te — disse ela. — Chamo-me...

De imediato, os olhos da rata de biblioteca arregalaram-se por trás dos óculos e espalmou os dedos sobre os lábios de Neva.

— Não! — disse ela.

Os seus dedos tinham um sabor salgado.

— És surda? — disse Rose. — Disse-te que ninguém usa o nome verdadeiro aqui.

Neva sentiu-se uma idiota.

— Daisy — chamou a enfermeira através da porta. — Vou contar até três. — A seguir, virou-se para as raparigas. — Tornem-se úteis e digam à Myrtle para parar de se esconder lá em cima e ir para a clínica.

— Se ela não tiver morrido à fome — disse a rata de biblioteca.

A enfermeira virou-se novamente para a porta.

— Daisy? Um.

A rata de biblioteca tirou a mão e empurrou os óculos pelo nariz acima.

— Nunca uses o teu nome verdadeiro aqui — disse ela. — Assim, ninguém vai saber que vieste. Chamo-me Hazel.

— Eu sou... — disse Neva e não soube o que dizer a seguir. — Acho que não sou ninguém.

— Ela não vai demorar a dar-te um nome — disse Hazel. — Vamos lá, vamos encontrar a Tartaruga.

Hazel começou a percorrer o corredor e Neva seguiu-a porque, pelo menos, Hazel não parecia odiá-la tanto quanto Rose.

— Qual é o teu signo? — perguntou Hazel.

— Daisy — disse a enfermeira para a porta quando passaram por ela. — Já vou no dois...

— Sou virgem.

— Oh, perfeito — disse Rose atrás delas, mantendo a distância para deixar claro que continuava em greve e que, só por acaso, seguia na mesma direção. — Outra virgem.

— Quem está a fazer esta algazarra toda?

A meio das escadas, uma rapariga de aspeto apumado, com cabelo preto e liso, e um vestido curto azul-escuro, estava de pé com uma mão no corrimão. O seu vestido tinha um colarinho branco imaculado e punhos brancos perfeitos, e ela parecia totalmente integrada.

— A Daisy ficou tóxica — disse Hazel enquanto se começava a arrastar pelas escadas acima. — Agora está escondida na casa de banho porque não quer levar a injeção.

— Bem, ela não precisa de fazer tanto barulho por causa disso — disse a rapariga enquanto descia. — Há quem esteja a tentar dormir a sesta.

Parecia uma princesa de conto de fadas, exceto pela pequena bola de basquetebol enfiada por baixo do vestido.

— Dois e meio... — disse a enfermeira atrás delas.

— A rapariga nova é virgem, como tu — disse Rose enquanto passavam pela princesa, dirigindo-lhe um sorriso. — É pena para todas as outras, não é?

— Três! — disse a enfermeira.

A princesa suspirou teatralmente ao passar por elas.

— Lá por teres uma criança, não significa que tenhas de te comportar como uma — disse ela a Rose.

— Briony — disse a enfermeira à princesa. — Vigia esta porta. Vou buscar a chave de fendas.

As três raparigas subiram as escadas alcatifadas a cor-de-rosa com dificuldade, sem falar, porque estavam demasiado ocupadas a tentar respirar. No cimo, Rose e Hazel começaram a dizer que as virgens não conseguiam pôr os egos de parte, mas que isso não era problema para os leões ou para os balanços e, provavelmente, também não para os gémeos. Neva ficou atrás delas, limpando discretamente o nariz com as costas da mão e perguntando-se se poderia pedir um lenço.

— Vamos — disse Hazel. — A Tartaruga está na Cong.

Neva não sabia o que aquelas palavras significavam, mas seguiu-as obedientemente pelo corredor. As paredes do andar de cima estavam pintadas a condizer com a alcatifa cor de *Pepto-Bismol*, de um pêssego-rosa que era suposto parecer feminino e doce, mas que a fazia sentir-se como se caminhasse pelo interior da orelha de alguém. Outra ventoinha industrial mantinha-se de guarda num canto, empurrando o ar quente pelo longo túnel cor-de-rosa ladeado por filas intermináveis de portas cor-de-rosa brilhantes.

As suas coxas doíam-lhe e estava encharcada por baixo da cinta. Queria deitar-se. Queria tomar um banho. Queria assoar o nariz. Queria ir para casa.

— Chegámos — disse Hazel, de pé na porta de uma vasta sala que ocupava quase toda a frente da casa.

No passado, teria sido provavelmente o salão de baile, mas, no presente, luzes fluorescentes aparafusadas ao teto faziam-na vibrar com uma luz industrial agonizante. Cortinas amarelo-mostarda cobriam as janelas e o chão de linóleo cinzento reluzia. As estantes raquíticas que revestiam as paredes continham clássicos condensados da *Reader's Digest*, jogos de tabuleiro gastos e pilhas de revistas antigas com capas enroladas.

Um sofá verde-abacate dominava o centro da sala, de costas para a porta e de frente para uma televisão antiquada do tamanho de um

Cadillac. Um par de pés descalços presos a um par de tornozelos grossos como troncos de árvore pendia sobre um braço do sofá.

— Esta é a Sala de Congregação, onde congregamos — disse Rose. — Tens aqui a tua televisão básica, um gira-discos se gostares do Perry Como e *puzzles*. Gostas de *puzzles*? Porque aqui podes fazer *puzzles* até caíres para o lado.

Uma cara branca e rechonchuda, perfeitamente redonda por baixo da franja preta, surgiu por cima das costas do sofá.

— Viva! — disse a cara ao ver a rapariga nova. — Qual é o teu signo?

A gravidez daquela rapariga preenchia cada centímetro do seu corpo. O seu vestido de maternidade castanho estava a rebentar pelas costuras. Ajoelhou-se no sofá, espreitando sobre as costas e balouçando um pouco.

— Myrtle — disse ela. Quis tocar no peito, mas, em vez disso, o dedo acertou-lhe no ombro. — Sou gémeos. Isso significa que sou muito intelectual. O Bob Hope⁵ é gémeos.

— O Dr. Vincent quer-te no Celeiro — disse-lhe Hazel. — Consegues chegar lá sem desmaiar?

Myrtle fez-lhe um sinal afirmativo trémulo e levantou-se. Cambaleou em direção a elas, vacilando o caminho todo.

— Mandaram-me para aqui por engano — disse ela a Neva quando passou. — Nem sequer estou grávida.

A seguir, saiu, cambaleando de um lado para o outro do corredor. Rose tinha-se afastado até à porta de rede que abria para a pequena varanda de Julieta, deixando-a sozinha com Hazel, que a estudou por um minuto.

— Vais ficar bem — disse Hazel por fim.

Pela primeira vez durante todo o dia, Neva sentiu que alguém estava realmente a falar com ela em vez de gritar.

— Não parece que nada vá voltar a ficar bem — disse ela.

— Eras de quê? — perguntou Hazel. — Livro de curso? Jornal da escola?

Neva abanou a cabeça.

⁵ Comediante norte-americano muito popular entre as décadas de 1940 e 1970. (*N. do T.*)

— Teatro — disse ela.

— Bem, vais encontrar muito drama aqui — disse Hazel. — Mas não faças nenhum. Segue as regras e voltas para casa num instante. Este sítio é como qualquer outro: habituamo-nos.

Neva quis abraçá-la. Queria que Hazel a deitasse na cama e lhe ajeitasse os cobertores. Quis segui-la para o resto da sua vida.

— Ei — chamou Rose da porta de rede. — O teu pai conduz uma carrinha?

Olhava para alguma coisa no relvado à frente da casa.

— Sim? — disse Neva.

— Parece que se está a pirar — disse Rose.

Demorou um momento a traduzir as palavras de Rose, depois atravessou a sala a correr, mas, no seu estado presente, foi mais um andar frenético. Empurrou Rose para o lado e pressionou-se contra a porta de rede. No relvado, a carrinha do pai afastava-se do Lar, entrando no túnel de árvores, em direção à autoestrada.

Ele tinha prometido. Tinha prometido não partir sem se despedir. Tinha prometido não a deixar para trás. Tinha prometido não a abandonar.

Tentou abrir a porta de rede, mas não conseguiu encontrar o puxador e não sabia se devia empurrar ou puxar. A seguir, desistiu e bateu com as mãos contra ela, gritando:

— Papá!

Durante seis meses, tinha-se aguentado à justa, mas, pelo menos, tinha estado rodeada por pessoas que sabiam que ela sabia contar piadas, que tinha boas notas a Inglês e que adorava a Patty Duke⁶. Agora, estava rodeada por estranhos que só sabiam uma coisa sobre ela: tinha sido suficientemente estúpida para engravidar.

O controlo que lhe restava vacilou, sentia-se a cair, já não tinha qualquer dignidade e não se importava com isso. Gritou «papá» e «por favor» uma e outra vez, com o ranho a escorrer-lhe sobre o lábio superior, implorando ao pai que, por favor, por favor, por favor, não a deixasse ali com todos aqueles estranhos.

⁶ Atriz norte-americana. (*N. do T.*)

Depois, as luzes traseiras desapareceram, as suas pernas perderam a força e não se conseguia sentar com a barriga tão grande e as duas cintas tão apertadas, por isso encostou-se à parede e urrou, deslizando lentamente para baixo até ficar ajoelhada no chão a chorar, como lixo do Alabama.

CAPÍTULO 3

— Agora que nos recompusemos — disse a Menina Wellwood —, acredito que podemos ter uma conversa produtiva.

Sorriu atrás da secretária. O homem atrás dela não sorriu. Estava pendurado, emoldurado a ouro e pintado a óleo, erguendo os olhos, apanhado a meio da escrita de uma frase, para sempre irritado pela interrupção, com a caneta eternamente a pairar sobre uma folha de papel. A semelhança entre o Dr. Wellwood e a sua filha era impressionante, especialmente agora que também ela tinha deixado de sorrir.

— Jovem — disse ela. — Olha para mim quando falo contigo. És capaz de ter uma conversa produtiva?

Neva forçou-se a encarar os olhos cinzentos como aço da Menina Wellwood.

— Sim, senhora — ouviu-se dizer.

A Menina Wellwood mostrou os dentes cinzentos.

— Vês? — disse ela. — Quando fazemos um esforço para pôr os nossos próprios problemas de lado e respondemos de forma civilizada àqueles que nos tentam ajudar, as coisas correm muito melhor.

O pequeno gabinete da Menina Wellwood tinha mobília suficiente para encher o resto da casa. Neva sentia-se suja e ranhosa, rodeada por toda aquela madeira escura e polida. Já tinham passado horas desde o seu *cheeseburger* e o cheiro do polidor de móveis com aroma a limão fazia-lhe crescer água na boca. Um enorme relógio erguia-se atrás dela e cada tiquetaque soava como um osso a partir-se. Outro aparelho de ar condicionado roncava na janela ao lado da Menina Wellwood e Neva arrepiou-se dentro do vestido.

— Juntaste-te a nós numa altura inconveniente — disse a Menina Wellwood. — Preferimos que as nossas raparigas cheguem à sexta-feira ou ao sábado, para que possam adaptar-se ao nosso horário durante o fim de semana. No entanto, devido à urgência da tua situação, permitimos ao teu pai que te entregasse hoje, pelo que terás simplesmente de te esforçar

para aprender. Antes da tua chegada, as meninas receberam as lições semanais da Sra. Conradi, uma professora enviada pelo Conselho de Educação para as ajudar a manter o seu percurso escolar. Hoje também é o dia em que o Dr. Vincent examina as nossas raparigas na clínica. Já foste ao médico por causa da tua condição?

Neva forçou-se a acenar com a cabeça.

— Tens de falar — disse a Menina Wellwood.

— Sim, senhora — disse Neva.

O Dr. Rector tinha sido o seu médico toda a vida. Tinha-lhe dado as vacinas, tinha-lhe cosido o queixo quando aprendeu a andar de bicicleta, mas depois de lhe ter contado o seu estado, a expressão dele ficou dura e falou com ela como se fosse uma estranha.

— Terás um exame completo quando o Dr. Vincent vier à clínica amanhã — disse a Menina Wellwood. — Ele está cá todas as segundas, terças e quintas. Amanhã também terás a tua primeira entrevista com a Menina Keller, a nossa assistente social, que vem às terças, quartas e sextas. Alguma vez falaste com uma assistente social?

Neva não sabia muito bem o que fazia uma assistente social. Não serviam para delinquentes juvenis?

— Minha menina, fiz-te uma pergunta — disse a Menina Wellwood e voltou a parecer igual ao pai. — Já falaste com uma assistente social antes?

O ar frio fez Neva sentir-se lenta e estúpida. Enfiou as mãos nos bolsos do vestido e os seus dedos roçaram em alguma coisa dura. As faixas que lhe comprimiam o peito afrouxaram ligeiramente.

— Não, senhora — disse ela. — Nunca falei com uma assistente social antes.

Na sua mão esquerda, girou a aliança do pai nos seus dedos.

— Vais achar a Menina Keller bastante competente — disse a Menina Wellwood —, apesar da sua juventude. Na quarta-feira, a Sra. Conradi regressará, mas, como nos deixará para a pausa de verão na sexta-feira, quaisquer planos educativos que tenhas serão suspensos. O teu pai diz que estás a acompanhar as tuas lições de Geometria e Biologia e nós temos uma sala de aula para estudo com serenidade. A partir de junho, uma biblioteca itinerante virá duas vezes por mês com uma seleção de livros adequados ao ano escolar.

Pegou numa caneta e fez uma anotação no ficheiro de Neva e Neva viu que não usava aliança. A Menina Wellwood colocou uma folha datilografada à sua frente.

— Estas são as regras da Casa Wellwood — disse ela. — Como é a casa da minha família e tu és uma convidada, espero que te comportes de acordo. Primeiro, e acima de tudo, todas as raparigas devem ser cooperantes. Aquelas que não cooperam são convidadas a sair.

Neva apertou a aliança do pai.

— Sim, senhora — disse ela.

— Em segundo lugar, para proteger a privacidade das nossas raparigas, não digas a ninguém o teu nome de família ou a tua cidade natal. Também não deves usar o teu nome próprio.

Aquilo provocou-lhe um pequeno alvoroço. Podia ser outra pessoa. O nome verdadeiro da Patty Duke era Anna Marie. Talvez pudesse chamar-se Patty? Ou porque não algo exótico como Rosalind ou Cherise? Era a primeira boa notícia que ouvia em muito tempo. Podia ser alguém diferente, alguém sem passado, alguém glamoroso.

— Vejo-vos como o meu jardim de raparigas — continuou a Menina Wellwood. — E fui chamada para vos proteger durante este período do vosso florescimento. Enquanto estiveres aqui, vais chamar-te... — Tirou um cartão perfurado de uma gaveta e consultou-o. — Fern.

Neva abriu a boca para protestar, mas a Menina Wellwood já estava a avançar.

— Desencorajamos vivamente as nossas raparigas de falarem sobre o seu passado — disse ela. — Nada de passatempos, nada de conversas sobre a família, nada de conversas sobre onde andaram na escola. Estão aqui com um único objetivo, que é o de se livrarem dos vossos pecados e enfrentarem o vosso futuro. No entanto, sei que estão numa idade em que têm tendência para conversas focadas em coisas pessoais, por isso, se achares que deves dizer alguma coisa... — A Menina Wellwood virou o cartão. — És de Baltimore. De momento, não temos nenhuma rapariga de Baltimore.

Sou a Fern de Baltimore, pensou Neva. Isto continua a piorar.

A Menina Wellwood continuou a ler a página datilografada. O relógio sublinhava as suas frases como um martelo a bater em ferro.

— Espera-se que estejas sempre limpa e bem arranjada — disse ela. — Que chegues a horas às refeições. As luzes são apagadas às 22 horas. Para proteger a tua privacidade, todo o correio que sai e entra será entregue neste escritório, onde será higienizado para tua segurança. É claro que não haverá nenhum contacto com pessoas de fora enquanto estiveres aqui. Aos sábados, as raparigas que merecerem o privilégio podem ir a St. Augustine. Podes consultar a Sra. Deckle para mais pormenores. Se tiveres algum artigo pessoal que precises de comprar, podes fazê-lo nessa altura. Se tiveres dinheiro para gastar, deves entregá-lo à Sra. Deckle para que o guarde. Mantemos as cortinas sempre fechadas e não nos juntamos ao ar livre. Os nossos vizinhos não querem ver-vos a exhibir a vossa desgraça. Fumar é limitado ao alpendre com rede nas traseiras e não mais do que cinco raparigas podem usar essa instalação de cada vez. Finalmente, hoje entraste na Casa Wellwood pela porta da frente. A próxima vez que usares a porta da frente será para ir ao hospital para ter o bebé e a vez seguinte será para voltares para casa. Só as portas das traseiras e laterais, por favor.

Neva continuou a girar a aliança entre os dedos. Parecia preciosa, como um artefacto de uma civilização perdida, a única ligação à sua antiga vida.

— Tens alguma pergunta? — perguntou a Menina Wellwood.

— Não, senhora — disse Neva.

A Menina Wellwood começou a guardar o seu cartão perfurado.

— Compreendes o motivo exato para estares aqui? — perguntou ela.

Neva precisava que a Menina Wellwood soubesse que ela não era uma pessoa má. Precisava que ela soubesse que estava preparada para agir como uma adulta.

— Porque estou... grávida, minha senhora — disse ela.

— Estás aqui porque te comportaste como um animal da quinta — disse a Menina Wellwood. — Pegaste na glória da tua feminilidade e atiraste-a para a lama. Olha para mim.

Neva olhou fixamente para o lenço amarelo e castanho da Menina Wellwood. Não conseguia olhá-la nos olhos.

— Já lidei com centenas de raparigas como tu — disse a Menina Wellwood. — Não és a primeira. Infelizmente, não serás a última.

Farás o que te digo porque eu sei o que é melhor para ti, tanto pela minha experiência como pela experiência do meu pai. Seguirás as minhas instruções e as instruções do Dr. Vincent e da enfermeira Kent com absoluta obediência. A tua experiência não será indolor. Génesis, capítulo 3, versículo 16: «Em pranto gerarás prole.» A dor do parto é a maldição de Eva. Uma recordação de que estás aqui porque violaste dois dos Dez Mandamentos: cometeste adultério e desonraste a tua mãe e o teu pai. Este sofrimento é a tua penitência.

Neva sentiu os olhos quentes.

— Mas, quando isto acabar — disse a Menina Wellwood e a sua voz suavizou-se —, vais oferecer o teu filho a uma família que o mereça e vais voltar para casa e esquecer que isto alguma vez aconteceu. Cortarás a tua ligação à Casa Wellwood no momento em que saíres pela nossa porta da frente. É essa a dádiva que te oferecemos. Se me obedeceres em tudo, quando o teu tempo aqui acabar e a tua crise tiver passado, será como se isto nunca tivesse acontecido.

Neva queria tanto aquilo. O que tinha dito Hazel?

Segue as regras e voltas para casa num instante.

— A Sra. Deckle vai mostrar-te o teu quarto — disse a Menina Wellwood. — E vemo-nos ao jantar daqui a duas horas. Agora, como te chamas e de onde és?

Neva tinha chegado ao fim da linha. Não havia sítio para onde ir. Guy odiava-a, a escola tinha-a suspenso, a mãe e o pai desejavam que ela nunca tivesse nascido, a tia Peggy e o tio Albert tinham-na posto na rua, Deb não falava com ela, tinha mentido a Hilda, a Sra. Linton nem sequer tinha esperado um dia antes de oferecer a Edith Clegg o seu papel na peça de teatro dos finalistas, e agora tinha vindo parar ali. Mas, se se portasse bem, se fizesse exatamente o que lhe diziam, se seguisse as regras e aceitasse o castigo, seria como se aquilo nunca tivesse acontecido. Poderia ter a sua antiga vida de volta. Queria tanto isso. Não queria o bebé. Não queria ser mãe solteira. Queria voltar a ser uma rapariga normal. Queria que as pessoas deixassem de a odiar.

Olhou a Menina Wellwood nos olhos.

— Chamo-me Fern — disse ela, e respirou fundo. — Chamo-me Fern e sou de Baltimore.

*

A Sra. Deckle não a levou ao quarto. Nem sequer ergueu os olhos da máquina de escrever quando Fern saiu do gabinete da Menina Wellwood. Em vez disso, disse:

— Ao cimo das escadas. Quarto 3. É proibido pendurar pósteres.

Fern pegou na mala e arrastou-a para fora do escritório, sentindo a datilografia da Sra. Deckle atingi-la pelas costas. Coxeou pelo corredor, arrastando a mala, com o ar húmido a descongelar-lhe a pele gelada pelo ar condicionado e fazendo-lhe o nariz escorrer.

— Cuidado — disse uma rapariga grávida, contornando-a.

Algo teria acabado ou estaria prestes a começar porque, de repente, o corredor estava cheio de raparigas. Os seus vestidos de maternidade eram tão garridos como ovos de Páscoa, as suas vozes subiam e desciam como o canto de pássaros tropicais, os seus cabelos estavam arranjados, encaracolados e com laca e giravam à volta de Fern, chamando-se umas às outras, rindo sobre a sua cabeça enquanto se arrastava entre elas.

Não conseguia acreditar que fossem reais. As suas barrigas eram evidentes, exibindo a sua desgraça, ostentando o seu pecado. Fern usava duas cintas de borracha, encolhida dentro do poncho há tantos meses que achava que nunca mais se endireitaria e ali estavam elas, desfilando pelo corredor, sem cintas à vista, esfregando na cara de todos a prova do que tinham feito e Fern percebeu que tinha sido isso o que tinha feito o pai ir embora sem se despedir. Tinha visto aquelas raparigas e percebido que ela era uma delas, agora. Já não era o bebé a que tinha dado banho e que tinha vestido, a menina que tinha ensinado a andar de bicicleta, a filha que se tinha sentado a seu lado na garagem a ler livros de ficção científica no verão. Agora era uma mãe solteira e não conseguia suportar essa ideia.

Com as duas mãos, Fern puxou a mala pela torrente de *Pepto-Bismol* até chegar ao topo, limpando o nariz com as costas da mão. As suas pernas pareciam de borracha e a cabeça parecia cheia de cola. Viu uma porta a brilhar com tinta cor-de-rosa e um cartão escrito à mão colado no meio, onde se lia «3». Nem sequer pensou em bater à porta porque, se parasse de se mexer não conseguiria recomeçar, por isso abriu a porta, arrastou-se para dentro e deixou cair a mala no chão de madeira nua.

Uma ventoinha estava colocada sobre uma cadeira simples de costas direitas ao lado da porta. À sua direita, uma cama mal feita com uma extravagante colcha azul em cima. Colares de contas caíam de um cesto de palha numa prateleira por cima, ao lado de um exemplar de bolso muito lido de *O Lobo da Estepe*. Aos pés da cama havia um armário, com uma porta entreaberta, cheio da roupa de outra pessoa. No chão, ao lado, havia um candeeiro de lava que se agitava lentamente, com bolhas vermelhas e tranquilizantes que se contorciam umas sobre as outras na água amarela.

Havia uma segunda cama à frente da porta. Sobre a almofada, repousava um velho cão de peluche que provavelmente já tinha sido amarelo, mas que estava agora corroído pela idade, com as orelhas esfarrapadas e o focinho gasto. Por baixo da janela, na parede oposta, com o estore desbotado pelo sol puxado até abaixo, havia uma terceira cama, tapada por um cobertor cinzento meticulosamente preso. Uma almofada feita de algodão riscado estava ao fundo, com uma fronha branca dobrada por cima.

O sol da Florida tinha assado o quarto durante o dia inteiro e o ar parecia sopa. Fern ajoelhou-se na cama de ferro ruidosa, puxou o estore para baixo e deixou-o estalar com um ruído alto que a cobriu com lascas de tinta. Não conseguia mover a janela, por mais que se esforçasse. Derrotada, encostou a testa ao vidro quente. Do outro lado, presas entre o estore e a janela, havia teias de aranha cinzentas, cobertas de pó. Uma vespa morta estava pendurada de cabeça para baixo numa delas e ficou a olhar para ela, demasiado cansada para se mexer, até que a vespa moveu debilmente uma das patas. Aquilo fê-la mexer-se. Não queria ver a aranha a vir.

Ligou a ventoinha. Ganhou vida e guinchou enquanto girava a cabeça cega de um lado para o outro. Precisava de óleo. Fern sentia o corpo esgotado, com as cintas demasiado apertadas e um cheiro azedo nos sovacos mas, por agora, tudo o que conseguia era deitar-se na cama que rangia e virar-se para ficar virada para a parede. Apertou a aliança de casamento do pai e ouviu as raparigas a andarem pela grande casa de madeira, chamando-se umas às outras.

Os seus pais tinham dito a Chip e a Midge que ela ficara com a tia Peggy em Montgomery para o acampamento de verão do teatro.

Não tinha ouvido o pai dizer nada à tia Peggy sobre o sítio para onde iam. Conhecendo a mãe, sabia que ela não queria ouvir nada sobre um Lar. Ninguém escreveria, ninguém telefonaria, ninguém fora daquela casa saberia sequer onde estava, exceto o pai e ele odiava-a. Nunca se tinha sentido mais sozinha.

Faria tudo o que lhe dissessem para fazer, diria tudo o que quisessem que dissesse, comeria tudo o que lhe dissessem para comer, desde que a deixassem voltar a ser o que era antes.

Atrás dela, a porta abriu-se e pés pisaram o chão, depois pararam. Quem quer que fosse olhou para ela e Neva perguntou-se se não teria feito mal em ligar a ventoinha.

— Acho que Buda tinha razão — disse Rose. — A vida é mesmo sofrimento.

Fern não respondeu. Não se mexeu. Não queria tornar-se um alvo para aquela rapariga grávida maldosa. Manter-se-ia discreta e cada dia a aproximaria mais do dia em que se livraria daquele bebé e voltaria para casa.

Molas cansadas rangeram quando Rose se sentou na cama e, a seguir, nada se ouviu durante muito tempo.

— É melhor habituares-te — disse Rose, finalmente, para as costas de Fern.

Fern sabia que raparigas como Rose esperavam respostas ou as coisas seriam piores.

— Habituar-me a quê? — perguntou Fern à parede.

— O teu velho prometeu não se ir embora sem se despedir — disse Rose. — Ele não te devia ter mentido. Mas é melhor habituares-te a isso. Aqui, toda a gente mente.

A seguir, Rose levantou-se, subiu para a cama de Fern e, com um grunhido, ergueu a janela e ar fresco inundou o quarto.

ELAS NUNCA FORAM RAPARIGAS... ERAM BRUXAS.



Chamam-lhes desobedientes. Perdidas. Raparigas que cresceram depressa de mais. E são enviadas para a Wellwood House, na Florida, onde as famílias de mães solteiras as escondem para terem os bebés em segredo, para os darem para adoção e, o mais importante de tudo, para esquecerem que tudo aconteceu.

Fern, de 15 anos, chega à casa no verão escaldante de 1970, grávida, assustada e sozinha. Sob o olhar atento da severa Menina Wellwood, conhece muitas outras raparigas na mesma situação: Rose, uma *hippie* que teima em encontrar uma maneira de ficar com a sua bebé e fugir para uma comuna; Zinnia, uma música em ascensão que planeia casar com o pai do seu bebé; e Holly, uma criança frágil, com apenas 14 anos, muda e grávida de alguém que ninguém sabe quem é.



Tudo o que as raparigas comem e fazem, cada momento dos seus dias, assim como o que lhes é permitido dizer, é rigorosamente controlado por adultos que afirmam saber o que é melhor para elas. Mas quis o destino que Fern conhecesse uma bibliotecária, a qual lhe oferece um misterioso livro sobre bruxaria. Agora, pela primeira vez, o poder está nas mãos destas raparigas – mas o poder destrói tão facilmente quanto cria, e nunca é de graça. Há sempre um preço a pagar... geralmente com sangue.

«Soberbo... o livro de terror perfeito
para a nossa era imperfeita.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-964-7



9 789895 899647